

POEMA – PROPOSIÇÕES MEDICINAIS

Roberto Corrêa dos Santos*

A

[1. Investimentos teóricos sobre o poema, apesar da longevidade desse objeto, não chegam a formar corpus relevante. 2. Predominaram estudos sobre os processos de composição técnica e retórica, exames pautados em modelos clássicos relativos ao gênero e seus constituintes. 3. Investigações diversas visaram a circunscrever certo número de caracteres, por modos humanistas e abrangentes, do fenômeno entendido por lírico, em diferença àqueles formadores dos também homogeneizados épico e dramático. 4. Bem pouco restou para o esboço da possível corporeidade de uma, diga-se assim, teoria do poema. 5. As mais valiosas propostas situam-se ainda no âmbito do chamado formalismo russo. 6. Nesse ambiente epistêmico traçam-se parte das melhores proposições reflexivas, bem como das melhores análises, ultrapassando-se aspectos consabidos. 7. Pesquisas quanto à inteligência do poema em seu caráter rítmico-semântico-sintático e dedicadas à sua estratégia de leitura tornaram-se exceções. 8. Movimento científico de igual porte vem a ser repostado nos anos 60 por meio do empenho da semiologia e da semântica estrutural. 9. Conhecer o poema descreve-se como uma vontade a levantar-se e a tombar de tempos em tempos por razões relacionadas ao resistente modo-de-existir disso a chamar-se poema. 10. Por sua singular (im)permeabilidade ao factum e por sua condição de manter-se firme historicamente em sua radicalizante insistência formal e temática, suas modificações mantêm-se quase imperceptíveis. 11. Os hábitos fixados para quem dele se aproxime acarretam processos receptivos duros. 12. Há crenças em demasia no trato do poema. 13. Metafísicos costumam ser não apenas seus ideólogos como também seus fabricantes. 14. Metafísicos mostram-se os naturais leitores, os que o recitam, os que o guardam na memória, os que o invocam. 15. Sob o poema e à sua revelia, desenham-se, amplas vezes, núvens de sentimentos fracos, entretanto o poema afia as setas dos afetos fortes a exigirem a abertura e o uso do arco tensor. 16. Devem ser sublinhados os

*Professor da UFRJ e, de Estética e Teoria da Arte, do Instituto de Arte da UERJ. É autor, entre outros livros, de *Modos de saber, modos de adoeecer*, publicado pela EDUFMG.

entendimentos pensantes de poetas efetivos (Poe, Valéry, Mário, Pessoa). 17. Baudelaire. 18. Os metapoemas dos grandes criadores incumbem-se da maior parte da formação reconceituada do atual repertório estético-reflexivo. 19. Com os artistas, a maneira de lidar, o valor do conceito, a habilidade do gesto: em alta porcentagem vê-se ausente do poema o ato pensante de reger a matéria, isto é, a enérgica atitude intelectual sobre os fatores que a organizam, considerando-se a armadura dos mecanismos mentais ativados e o sentimento das vicissitudes do labor. 20. Que não se apague, sequer em nome da beleza, a visibilidade do querer. 21. No poema deverá surgir uma ponta miúda que seja das curvas da percepção e dos procedimentos para ampliá-la. 22. O conjunto das práticas poéticas existentes reafirma o modo de ligar-se (estímulos, temas, ordenamentos, tipos) o poema à história de longuíssima duração. 23. Mutações no porvir do poema seguem e reafirmam o poderoso lento modelo inicial, conforme indicam as primeiras emergências de que se tem registro. 24. O poema está a todo tempo a referir-se a outros, próximos e distantes. 25. A composição implícita do poema trabalha para fixar os elos de uma cadeia que garanta sua natureza tradicional. 26. Retornar é o ato mais comum e preciso do poema. 27. Cortes operados nessa ordem vagarosa e linear são raríssimos. 28. Nos lapsos, na velocidade – e no parar também –, altivas potências. 29. Racine. 30. Mais e mais Racine. 31. Pelo poema, visualizam-se, tomando-se distância, solos de grande encanto, formados de volumes, areias do deserto supostamente imóveis, em ondas, impressões de movimentos desconhecidos. 32. O tempo do poema estrutura-se em topologias e orquestrações. 33. O poema, aquele a que cabe o nome, dá-se sob a égide das espacialidades descritíveis e musicais, terrenos de toda espécie. 34. A perspectiva medicinal sobre o poema consigna, nos temperamentos secos e apaixonados, imutabilidades oriundas dos sacros afetos crônicos do perene. 35. Por novas tecnologias a contribuir para exame do caráter construtivista que domina e nutre a genealogia dos impulsos de fixidez e repetição expressos nessas curtas ou extensas modalidades estéticas: que se releiam Boileau, Hegel, Dilthey, Heidegger].

B

[1. Separem-se dois grandes grupos de leitores-críticos, os que se portam como médicos, na categoria de clínicos (a clínica geral) e os que se incluem na categoria de especialistas. 2. Os primeiros interessam-se por obras poéticas das quais não se pode diagnosticar um sintoma único, uma doença particular, mas, ao contrário, uma grande rede de sintomas articulados que fazem ao fim não existir uma doença localizada e sim um organismo até certo ponto saudável e com distúrbios mutáveis agindo sobre o bom funcionamento do todo: poemas-organismos que sempre exigem exames minuciosos das relações de seus aspectos, de seus cruzamentos. 3. Os leitores-clínicos voltar-se-ão para as obras que formam o cânone, o clássico – aquelas cuja variedade comportamental é mais complexa e que permitem a grande alegria de poder abordá-las sempre por um novo ponto (de fragilidade e de força) diferido. 4. No poema ocorrem nomadismos de sintomatologias. 5. Observando-se do mesmo escriptor diferentes produções, bem possível se torna mapear o estado de... *saúde*, que vem da capacidade de encenar idéias, formas, papéis, desejos – múltiplos, sempre. 6. Há, em textos assim, repetições. 7. Todas a serviço de táticas dos espíritos extremamente delicados, amplos, sutis. 8. Assinala o poema desse porte pistas não falsas: áreas labirínticas a constituírem para leitores-clínicos felizes desafios – jogos de inteligência. 9. Necessário será dedicar-se à habilidade dos agenciamentos. 10. Atingir o domínio provisório das codificações, a aparecerem e desaparecerem. 11. Traçar e reconhecer diagramas diretos ou não. 12. Para além do diagnosticar, cabe compreender a anatomia. 13. Formatos, processos, órgãos. 14. Qualquer clínico-crítico busca como seu paciente exemplar, Shakespeare. 15. Em grandes criações há febre; na verdade, calor; bem mais saúde que doença. 16. Moléstias curadas por formas. 17. A Cura. 18. Nada resiste à plasticidade, eis o remédio estético. 19. Poemantes escolhidos por leitores-clínicos são, também eles, clínicos – estudiosos de amplas pulsações da carne e da alma. 20. O poema convoca seus leitores. 21. Ocorre de por vezes leitores-médicos-especialistas dirigirem-se – para sua loucura e desespero da obra – a poema de expressiva voltagem. 22. Clínicos por vezes resolvem cuidar de casos nitidamente singulares, de poema com sintomas nítidos. 23. Surtos pois das regras. 24. Havendo força, haverá resultados, bons, maus – úteis sim. 25. Leitores-especialistas assim como médicos-especialistas concentram-se com tanto afinco em um dado tipo de doença-texto que a acabam conhecendo muitíssimo. 26. Importa pouco que finde por ser obrigado a deixar de reconhecer o corpo completo. 27. Mira-se tão de perto a

ponto de cegar-se para as metamorfoses microscópicas das textualidades da doença, do poema ele mesmo. 28. Há sempre o perigo de o alto conhecimento especializado tender a imobilizar-se por forças das leis-do-costume; porém, poema chama seu leitor, assim como procuramos nós próprios médicos adequados e empáticos. 29. Por razões da mente, leitores compartilham semelhante 'estado de personalidade' dos textos eleitos. 30. Trata-se não mais de leitores-médicos, porém de leitores-doentes (o que já é sinal de saúde: reconhecer-se no outro-já-par, dele aprendendo a diferir). 31. Poema também age assim – medica quem o procura. 32. Escreve o poema receituários. 33. Indica compostos capazes de alterar a vida ou, se impossível, modelar o irrecusável e justo destino. 34. Seguir as pulsões que se impõem, reduzir a cegueira até a vidência. 35. Agitar as sabedorias do humor: remédios para o senso d'arte, para a leveza do espírito].

C

[1. Compartilhar de um estado de personalidade parece ter sido a tendência da maioria dos leitores. 2. O poema pode e não pode ser tratado à revelia de suas reivindicações. 3. Mesmo quando clama por leitores-selhantes tende a irmanar leitores-assimétricos. 4. Face ao poema, leitores agem em estado virtual. 5. Leitores há que se afastam dos processos de identificação. 6. E eis os leitores a acolherem o poema que mais propriamente oferece proximidades estético-transferenciais. 7. Leitores-x: amando seu poema escolhido, não se perdem ou se misturam. 8. Tomar o poema a gotas, demolindo ilusões de auto-entendimento. 9. No poema – exato limite de que: *um-não-é-o-outro*. 10. O poema é o outro. 11. Estando ou não junto, é o outro. 12. E não mais a certo instante! 13. O poema que põe o ovo da transferência está sadio? 14. Poema auxiliando aperfeiçoamentos, curas dos intérpretes. 15. O que faz o poema generoso? 16. Shakespeare será sempre o grande fármaco. 17. Poema a contribuir em porções medidas. 18. Poema formando vínculos de amor. 19. Poema na sala da fraternidade. 20. Poema e conforto. 21. Poema expondo sofrimentos e deles ensinando sorrir. 22. Bandeira. 23. Cesário. 24. Plath. 25. Poema acenando para campos anímicos

com vigor e candura. 26. Poema, predisposição. 27. Poema para os sensíveis à terapia do poema. 28. Poema para equilibrar. 29. Poema e o macio predominante. 30. Poema para sopro. 31. Poema e sinais ativos da melancolia constituinte: ritmo, recordações e voz leves. 32. Poema e a vasta riqueza dos sensores. 33. Poema, pela altura a atingir. 34. Poema e domínio. 35. Poema e crueldade, a languidez das delícias do viver, viver e viver].

D

[1. Em certo poema a violência afetiva supera seu limite: sua alta ardência pode dar-se pela galhardia de sensuais vocábulos a reterem sob dentes e punhos o poder da combustão que resulta da química entre pathos e indomadas análises. 2. Para ter sob controle os tantos ritmos necessários, sabe o poema ser preciso estancar, meter-se em quase total escuro, fabricando longos buracos: e nenhuma concessão (que continuem doentes os leitores, que construam a própria medicina!). 3. Artes para as multiespecializações. 4. Afagos, de quando em quando, fazem as letras do poema, podendo, logo à frente, se for o caso, juntar a elas safanões. 5. Jogar o morto e a lama e as fezes na face daquele que. 6. Lavar do leitor todo o corpo com macia e branca toalha, pois um corpo, de um modo ou de outro, tem de ser acolhido, tratado. 7. Keats, Whitman, Hilda, Kaváfis, Rilke, Donne e Hölderlin. 8. Subitamente e na hora, alguém será lançado para longe; quebra-se a cadeira, afasta-se a mesa, arrasta-se quem-lia para fora do quarto. 9. Ou pedir a mão, dê-ma, leitor, iremos até o estrangeiro que está tão aqui, e olha os espaços escatológicos, os de repulsiva e atraente indiferença (basta de cobertas, saia da cama!). 10. Comer o leitor, dar de comer ao leitor. 11. E salvar o poema, queimando-o, queimando-nos. 12. Poema comunica-se de costas. 13. Sair da ostra-do-que-foi, do-que-poderia-ter-sido, do-para-o-que-está-sendo, rasurando o (não) poderia. 14. Onde o poema que abole Édipo, casos, triângulos? 15. Que não prepondere o vértice do imaginário, se em irrealista amor materno. 16. Poema, seio, maternidade. 17. No poema pode deixar falar a mãe: o filho ouve e transmite. 18. O poema, o pai. 19. Ouve-se da lei a risada tolamente poderosa mas que teria (talvez pudesse ter) per-

mitido a vida comum processar-se, e daí, se há músculo nas contrações do poema? 20. Entre Oswald e Drummond, Mário: lutando contra as pontas da figura geométrica impossível. 21. E, assim, poema não da mãe nem particularmente do pai ou do filho ou do irmão ou do amante ou do amigo. 22. Poema a dirigir-se, vagante. 23. O poema bom de habitar – o meigo, o não- voraz, o que persevera; mas que ninguém ouse: cuidado, a atitude aí é ampla; nele o instinto – corajosíssimo e discreto. 24. O poema do Oriente. 25. O poema que surge como se não conhecesse as regras, os pensamentos, as expressões. 26. O poema das parábolas curtas e repletas. 27. Kohan. 28. O do grande amor à vida, daí a morte constante e corriqueira. 29. O poema deixa deslizar a Dama pelos ritmos da flauta, pelos assuntos e vocábulos diários. 30. Se há ceticismo, é mínimo, pois vive o poema dos atos de comungar. 31. Estar nesses quentes e confortáveis braços, até quando? 32. Escuta-o. 33. A palavra que salva, a palavra acolhedora: o medicamento – veja, veja o mundo, toda a existência. 34. O tonificante. 35. O recurso das sublimidades finalmente a dizerem, saudáveis e rindo e leves, '*quem mandou tudo isso que eu quero devolver?*' (de Lou Reed, em *Time Rocker*, por encenação de Robert Wilson)].

Resumo: [1. Investimentos teóricos sobre o poema. 4. Para o esboço da possível corporeidade de uma, diga-se assim, teoria do poema. 34. A perspectiva medicinal sobre o poema. 4. No poema ocorrem nomadismos de sintomatologias. 1. Separem-se dois grandes grupos de leitores-críticos, os que se portam como médicos, na categoria de clínicos (a clínica geral) e os que se incluem na categoria de especialistas. 5. Bem possível se torna mapear o estado de... *saúde*, que vem da capacidade de encenar idéias, formas, papéis, desejos – múltiplos, sempre. 14. Poema auxiliando aperfeiçoamentos, curas dos intérpretes. 21. Poema expondo sofrimentos e deles ensinando sorrir. 23. O poema bom de habitar.].

Palavras-chave: teoria, poema, medicina, sintoma, saúde, cura.

Abstract: [1. Theoretical investments in the poem. 4. To the sketch of a possible embodiment of, let's put it that way, a theory of the poem. 34. The medicinal perspective about the poem. 4. Syntomatology nomadisms take place within the poem. 1. Split two big groups of critical readers; there are the ones who act like doctors, General Practitioner ones, and the ones who consider themselves specialists. 5. It becomes quite possible the mapping of the state of... health, which comes from the capacity of performing ideas, forms, roles, desires – always multiple. 14. Poem aiding perfectionings, interpreters' healings. 21. Poem exposing sufferings and teaching us to smile despite of them. 23. The poem good to live in.]¹

Key-words: theory, poem, medicine, symptom, health, healing.

¹ A tradução deste resumo, assim como das palavras-chave, foi, gentilmente, feita por Valéria Mac Knight.